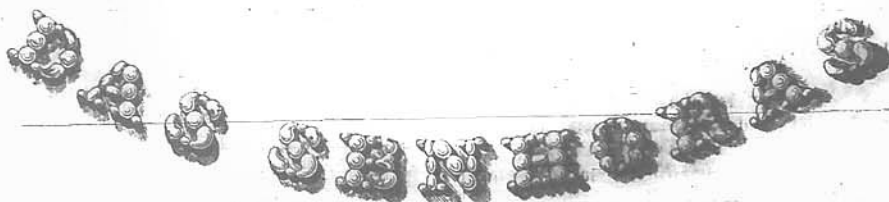


O JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

∞ O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina. ∞

MODAS.

Por quem sois, querida leitora, relevai-me, a apresentação que vos faço destas duas estampas reunidas em uma só, e toda cheia de figuras de homem. E eu mesma estou tonta, sem saber o que fazer á vista de uma estampa tamanha! Faz-me lembrar esta remessa, a visita de compadres opulentos quando chegam de anno a anno á casa do pobre sem ser esperados: corre a comadre para um lado, a afilhada para outro, o compadre tósse, abotoa o rodaque, e é o primeiro que vem risonho receber os dignos hospedes.

A Christina é portanto o compadre que vai fazer os cumprimentos.

E ainda de mais a mais descreva os *toilettes*, metta-se a rabequista, falle em calças, casacas, ponches, capas, sobrecasacas, e a final... diga o que não sabe, para o que nunca teve prestimo e

com o que nunca se importou... E' uma verdade, querida leitora; olho para os homens, admire-os, respeito-os, e até acho-os formosos, se por ventura elles são dotados das boas qualidades d'alma e do coração; mas seu trajaz... me é indifferente: não lhes aprecio as roupas, nem me captivão os ademanes afeminados. Isto tanto mais é verdade quanto é certo, que todo o cavalheiro de brios elevados e de limada educação traja a um certo ponto da moda, porém jámais toca-lhe o excesso,—que quer dizer o ridiculo da moda.

Mas esta estampa por sem duvida vos ha de admirar. Ha um anno quasi, que successivamente vos apresento figurinos de senhora, e só agora, no penultimo Domingo de 1852, é que vos offereço uma illustre estampa de figurinos de homem!.....

E' por esta mesma razão, querida leitora. E vossos maridos, irmãos, tíos e primos, que ha 50 Domingos não vêem senão figurinos de senhora, não merecerão também as nossas contemplanções? Não gozarão de um Domingo seu, de um dia que todas nós lhe offerecemos? Oh! o JORNAL DAS SENHORAS não se comportaria d'outra fôrma; interprete dos sentimentos da mulher, elle desde logo reconheceu os deveres de gratidão e generosidade, mas... as encomendas já estavam feitas, não houve remédio senão esperar.

Finalmente chegarão, e d'aqui em diante teremos de Pariz, para o anno de 1853, uma remessa trimensal de figurinos de homem, para não fazermos esperar por tanto tempo os nossos cavalheiros.

Naturalmente deveis achar todos estes figurinos muito abotoados, encaetados, e além disto com umas sobrecasacas tão compridas... tão fóra do talho que por aqui se usa presentemente... não é assim? Pois, querida leitora, é esta a actual moda de Pariz, este é o trajar de inverno de 1852, porque, como sabeis, os francezes estão desde Outubro no seu tempo de frio, e por lá não apparece *nem um só* figurino que não seja apropriado á estação. As nossas gravuras são precisamente do mez de Outubro, gastarão de viagem o mez de Novembro e chegarão ao Rio de Janeiro a 11 de Dezembro, parece pois que ellas desta feita vierão mostrar-vos quanto tendes sido illudida com as taes—*últimas modas de Pariz.*

Sobre este ponto brevemente serei mais extensa, e vos explicarei de que modo haveis sido enganada. Por agora tende a bondade de acceitar estes figurinos, e fazei delles presente aos cavalheiros de vossa estima.

Meu Deus, vou descrever a estampa... que temeridade!

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

A Estampa representa oito figuras—seis senhores e dois criados, dos quaes, um goza das primazias de estar coberto á porta do fundo, em quanto que o outro está descoberto e de braços cruzados... cousas deste mundo!

O primeiro grupo da esquerda representa, a primeira figura assim como a terceira, vestidas para *sahir de manhã*—sobrecasacas compridas de peitos largos; com duas ordens de botões, abotoadas até a cima—Mangas largas, de grandes canhões voltados—Calças de cachemira de côr, gravata de setim—Chapéu preto, de côpa alta e abas largas—Luvas côr de cinza.

A figura do meio está em *toilette* de rigor—Calça e casaca preta de mangas largas e grandes canhões voltados, peitos e gola estreitos—Colete de veludo carmezim, gravata branca—Chapéu preto de abas menos largas, e luvas cinzentas.

O segundo grupo da direita representa dois

fashionables com suas capas á *Bretonne* por sobre o seu *toilette* para theatro, e ao lado um menino de 14 annos, de sobrecasaca azul, especial no seu talho pela fôrma da gola em pé, peito e punhos largos de veludo—As calças são de cachemira riscadinha—Chapéu preto e luvas também cinzentas.

Deveis notar a nobreza que revela a physiognomia destas figuras; não vos parece que o artista quiz desta fôrma indicar alguma cousa? Pelo menos o trajar sério, delicado e de bom gosto assim me faz crer.

Agora um favor, querida leitora,—desculpai-me quando ouvirdes alguma censura contra este meu artigo: é o primeiro, para o segundo vos convencerei que também posso descrever figurinos de homens, assim como elles podem descrever os nossos.

18 de Dezembro.

Christina.



LIVRO DE JULIA.

Fragmentos.

II.

A noite estende o seu manto de trevas por cima da cidade. Algumas luzes bruxeleão, apenas aqui e acolá, por alguma agua-furtada ou por alguma sobre-loja.

São artistas que, não lhes chegando o dia, aproveitão a noite para darem mate á obra comecada.

É a industria a braços com o ócio. E todavia a industria na nossa terra ainda não merece o sacrificio de vigílias. Nenhum impulso lhe têm dado os governantes; se tem medrado, especialmente a industria fabril, é porque uma grande parte do nosso povo, que vive nas cidades, ganhou amor ás artes, mas sem o saber, talvez sem o querer. Se lhe faltão os estímulos!

Reverbera acolá o som de instrumentos; é o sarau de uma grande potencia monetaria que se quer fazer conhecido por meio de convites.

E' a estupidez a comprar importancia!

Tambem cega os olhos aquella vidraça toda illuminada com os reflexos que se avistão ali refrangir. E' o baile de um alto personagem, para festejar um dia de annos.

E' o luxo com toda a sua profusão a contrastar com a indigencia que lá geme ao pé com toda a sua hediondez.

Mysterios do mundo!

.....
Em geral, pelas ruas da cidade, que ora jaz mergulhada em somno profundo, é tudo sombra e silencio.

Não acontece o mesmo lá fóra, nos campos,

que a circumdão. E' bem diferente a perspectiva!

Lá fóra não ha luzes artificiaes:—em vez de modestos candieiros a derramarem uma luz pallida e fraca, tochas resplandecentes cravadas na abobada infinita, a luzirem no espaço.

São as estrellas.

Em vez de custosos lustres, pendentés de cordas de ouro a allumiarem salões, um pharol immenso de luz, ingastado no Céu a allumiar os prados e a selva.

E' a lua.

E' bem diferente a perspectiva! Lá fóra, nos campos não ha sombra!

Sente-se aqui e acolá o surdo arrastar de ramos seccos pela incosta arida que lá se estende do sopé do monte, e corre até ir morrer no vertice da outra-banda.

E' o pobre e alegre camponez, a quem o trabalho do dia não fatigára. Apoz um curto descanso, convidára-o a claridade da lua que lá se lhe refrange no colmo da choupana, a principiar, ou antes, a continuar no seu mister braçal.

E' bem laboriosa a vida d'esta gente!

Escuta-se, por toda a circumvisinhança, esses ruidos particulares á noite, certos ruidos que encantão. Não se podem definir. Parece o grasnar compassado da rã, lá ao longe, que nos vem expirar aos ouvidos, casado com o piar sentido do môcho.

De dia não se sentem estes ruidos.

Canta, além, o zagal, com voz forte e sonora as endeixas amorosas que aprendeu n'algum livro bonito. Está prestes a unir-se a quem ama: vem de noite, quando pôde, cantar canções á noiva, que o escuta, bem perto d'elle, encostada negligentemente ao seu balcão.

São as harmonias da noite!

.....
Julia! é por uma d'estas lindas noites de luar que eu estou escrevendo no teu livro.

Fugira do turbilhão enfadonho das cidades para me engolpar na solidão meiga dos campos; persegui tudo o que acabo de referir-te, e deleitei-me, porém este deleite não foi completo; não era possível por que faltavas tu ali.

Andava como doido. Subia ao alto d'um comorosinho e perguntava-lhe pelas cupulas da cidade; queria ver-as para lhes perguntar pela sua habitação, queria vel-a para lhe perguntar pelo teu leito; queria vel-o para lhe perguntar por ti.

Era loucura. Aquella hora em que eu te buscava, por certo que tu estavas já dormindo, e quem sabe se a sonhar, e quem sabe com quem?

Julia perdoa a minha temeridade. Porém não julgues que a reticencia vale o mesmo que desconfiar do teu amor. Não, eu bem sei que não tenho rival nenhum,—isso era impossível, ou tu não foras uma criação unica.

Mas talvez souhasses com tua mãe...

Poderia desconfiar de ti se não foras o anjo que Deus me enviou do Céu para crer na perfeição.

Na verdade, Julia, olhar para o teu rosto e descrever da divindade, entendo eu que seria o mesmo que olhar para o sol e descrever da luz. Um dos attributos de Deus é a perfeição, e tu reunes em ti belleza, bondade e virtudes n'um grão tão subido que o atheo mais atheo, depois de te ver, não pode deixar de crer no ente perfeitissimo que te creou, e que o c. eou a elle.

Não, que era absurdo. O espirito, querem dizer alguns pensadores, tem ás vezes d'estas aberrações:—admira-se o effeito, e não se inquire a razão sufficiente que o causou, despreza-se ou desdenha-se della. Eu não creio em tal. Esta philosophia é ideal. Pois se tudo neste mundo é criado, o conhecimento de qualquer cousa, leva-nos forçosamente á indagação, ou pelo menos á idéa do Criador. Esta é a ordem natural do espirito humano. Apresentão-nos um quadro,—depois de o admirarmos, que é o nosso primeiro processo, perguntamos logo, é de Rubens ou de Raphael?

E' assim, Julia; deixa que esses homens, verdadeiras aberrações do genero humano, assim não pensem. No seculo em que vivemos cada qual pensa como lhe convém.

Tu não sigas tal pensar.

Para te provar a verdade da minha asserção dou-te um exemplo em ti mesma.

Quando um atheo te disser que o é, não lhe respondas uma só palavra: encara-o de frente, lança lhe, em que te peze, um desses teus olhares meigos, capazes de matar, e vê depois se elle se atreve a impugnar-te a existencia do Supremo Architecto.

Olha que o atheo ha de ficar confundido. E se, por ventura, seus labios damnados ousarem ainda proferir a palavra—não—deixa-o lá com as suas negativas calculadas e frias. Podes ficar certa de que não sente o coração aquillo que a boca disser.

Não: o atheo ha de ficar confundido depois de te ver.

E ha de crer na divindade.

E que triumpho para ti se um dia deparares com um desses entes excentricos, e o reduzires, como é de suppor, á communhão da nossa crença!

Será uma gloria demais para mim.

Julia, eu até já cheguei a persuadir-me de que a verdadeira missão da mulher bella e virtuosa é recrutar para a religião do Crucificado essas almas extraviadas da senda da verdade. No meu entender nem ella veio ao mundo para outra cousa.

Julia, a missão da mulher bella e virtuosa, como ena entendo, é bem nobre e elevada!

Arreigar a crença, aonde a não ha; firmal-a aonde ella titubeia;—suster o homem á borda do abysmo que lhe está aberto negrejando ante seus passos;—amparal-o, conduzil-o, a salvo, longe do precipicio que o quer tragar, mettel-o na senda da virtude...

Oh! tanto poder só o tem as mulheres, mas as mulheres, como tu—puras e castas faiscas da Omnipotencia de Deus!

Antes de te conhecer, Julia, já eu tinha lido em muitos livros que o coração da mulher é um

thesouro inexgotavel de felicidade a derramar-se por todo esse mundo que é o seu imperio, e aonde ella resplandeça como a lua nas trevas.

E eu deixei-me pênetrar da veracidade da asserção, porque sempre achei no teu sexo o que que fosse de sublime e superior ao homem.

Já te disse que procurei um peito de mulher que me entendesse, para ler nelle a realisação dos meus sonhos de ventura;—e tambem te disse já que me pareceu tel-o encontrado... Mas pareceu-me... talvez o achasse... ainda hoje o ignoro. Porque para achar o que procurava não tinha eu empregado os meios proprios. Ou antes será melhor dizer, porque para possuir esse bem que buscava com tanto afan, *calculei* e estudei os meios quando um poder estranho é que m'o devia de suggerir, independente de meios...

Era a *sympathia* esse poder estranho, quem devia de substituir a razão do calculo. Na verdade calcular em amor, creio eu que é o mesmo que calcular no futuro. Figura-se-nos tudo coherente com os nossos desejos, mas ao cabo é que se conhece o erro.

Eu não cheguei a esse desengano terrivel, porque me livrou a morte desse pezar.

Por muitas vezes tinha eu tentado definir a *sympathia*, mas em balde. Já me contentava com uma definição, que embora não fosse rigorosamente modelada pelas normas das escolas, ao menos me dêsse uma tal ou qual idéa dessa força mysteriosa, que, máo grado nosso, nos arrasta para outrem, sem o sabermos, sem o pensarmos.

Agóra que estou sob o imperio desse sentimento forte, que me impelliu para ti, não t'o definirei já, mas hei de ainda fazel-o. O que te devo affiançar e tu não ignoras é que esta que me infundiste foi uma dessas *sympathias* que a mão do Eterno sella com o seu dedo divino para nunca mais se apagarem.

Julia—tu és um complexo de virtudes. Tu estás inscripta no cathalogo das mulheres que só vem ao mundo para felicidade dos homens.

Julia, a missão da mulher bella e virtuosa, como eu a entendo, é bem nobre e elevada.

Virtudes... Já que te fallei em virtudes, vou dar-te um esboço das principaes, que tanto fazem realçar uma joven, que tanta felicidade lhe promovem, e que tanto caracterisão o teu espirito, talvez sem tu o saheres...

A ternura filial é a primeira das virtudes tanto na ordem natural, como nas suas relações externas com o mundo, e a que mais gozos mutuos pôde dar a pais e a filhos, quando bem exercida.

A natureza e a sociedade repousão ambas sobre este dever. Na moral nada ha mais sagrado do que os laços que ligão reciprocamente os pais aos filhos.

Quando a alma do homem se atira com todo o fogo da paixão á busca necessaria da reciprocidade, então foge a ventura e o seu logar vem a ser substituido pelos espinhos da infelicidade. O amor não conhece de *igualdades*;—para elle é tudo reciproco: os mesmos direitos de parte a parte, as mesmas obrigações.

Mas desgraçadamente não acontece assim no amor dos pais para com os filhos. Existe nos laços que prende uns aos outros certa desigualdade, a que poderemos chamar natural, a arrear sempre delles essa affeição reciproca da estima, da mesma especie, e levada ao mesmo ponto. O pae é sempre mais forte que o filho, e por isso mesmo julga-se com direito de alcunhar de sem-razão a muitas das suas acções, e a criminal-o. Tambem os filhos amão, ás vezes, mais aos pais, do que estes áquelles, e vice-versa.

Os pais tem, inquestionavelmente, para se fazerem amar dos filhos, muitos meios que a propria natureza lhes outorga: desde os primeiros annos da infancia, o filho não vê, não falla, senão com o pai: só elle é que lhe pôde satisfazer ás suas pequenas necessidades, só elle é que effectivamente lh'as satisfaz. D'aqui uma affeição ingenua que vai crescendo gradualmente com os dias da vida do infante. Por calculo ou por inclinação, talvez por uma e outra, os pais, quasi sempre deixão-se cercar d'uma especie de autoridade régia, que faz com que os filhos os estimem com esse acanhamento com que se quer bem a um rei quando assentado no-throno, rodeado de todos os prestigios da realza.

Continúa.



NÃO POSSO CANTAR.

Que queres q'eu cante donzella formosa,
Se a lyra q'eu tenho não posso vibrar,
Não posso donzella, gentil e mimosa,
A lyra só geme—não posso cantar!

Não posso, não posso, deidade celeste
Que d'esses teus olhos gentis a brilhar,
O brilho divino meu estro reveste,
Me queimão as chammas—não posso cantar!

E d'esses teus labios que os anjos invejão
Qual cravo que veio na neve pousar,
Mil flammaz ardentes de fogo trovejão,
Fascinão-me a mente—não posso cantar!

Teus negros cabellos que pouzão brincando
N'uns seios que árfão em leve ondular;
N'uns seios que ao longe me estão torturando...
Não posso donzella—não posso cantar!...

E nessa cintura gentil delicada,
Que vem n'um remate tão bello espirar,
Eu sinto donzella minha alma embalada,
Meu estro se perde—não posso cantar!

E nesses teus braços de rosas formados
Que ajuda não pôde pincel imitar,
De vel-os tão lindos meus olhos turvados
Me negão a vista—não posso cantar!



E nessas mãosinhas tão puras de neve,
Aonde o teu sangue se vê transitar,
Quizera a meus lábios tocá-las de leve,
Meus lábios se cerrão—não posso cantar!

Não falles donzella, não falles, espera,
Não falles que podes assim me matar;
Cantando desejo vagar nesta esphera,
Empenho baldado—não posso cantar!

Se contra este peito de forte sentir
Eu posso donzella teu seio apertar,
Eu sinto miuha alma do mundo fugir,
Esquece-me a lyra—não posso cantar !.....

Salomon.

UM FACTO

MUITO TARDE.

I.

Algumas tochas acesas projectavão sua pallida claridade sobre a abobada denegrida da capella do castello de Coetwagem; um padre officiaava e impunha as mãos sobre as cabeças inclinadas de dois jovens que elle acabava de unir. A rapariga estava por extremo descorada, e seus bellos olhos fitos no altar se cobrião de lagrimas que debalde procurava conter. Depois de haver proferido com voz quasi inintelligivel, o fatal *sim*, sua cabeça se tinha abaixado, e ella permanecera immovel, abyssmada em profunda dôr. Essa rapariga era Elisa de Coetwagem, a mais nobre donzella de toda a Bretanha, a mais bella e admirada de toda a provincia.

O mancebo, que estava de joelhos ao lado della, ousava apenas cingir os olhos para a companheira que um singular destino acabava de lhe dar. Sua mão trémula pegava fracamente nos delicados dedos de Elisa; sua physionomia, de ordinario franca e alegre, estava então sombreada por vago desasoscego e por uma especie de irresolução! Suas feições erão regulares e bellas, seu olhar cheio de doçura e expressão: elle tinha vinte annos; e no entanto Elisa chorava. O noivo era Thiago, Thiago o filho do rendeiro do castello.

Assim os grandes acontecimentos reagem sobre as pequenas cousas: a França, deslumbrada pelo brilho de uma nova luz, via confundirem-se todas as ordens, cada parcella unir-se para formar uma massa compacta, uma só e unica familia. O conde de Coetwagem, alguns mezes antes da extravagante aliança que acabava de ser contrahida, tinha visto suas immensas riquezas serem-lhe arrebatadas pela onda espumante da revolução. O nivel havia passado sobre todas essas fortunas, engrossadas, a maior parte dellas, á custa do povo; o ouro tinha remontado á sua fonte, e, como o havião dito as sagradas escripturas—os ultimos se tinham tornado os primeiros. O pai de Thiago, rendeiro do conde, tinha comprado todos os bens de seu amo; e

n'essas horas de incommodidade e de inquietação que forçavão a castigar o innocente com receio de que escapasse e o culpado, tinha salvado a vida do conde. O digno servidor não quiz ser meio generoso; veio offerecer-lhe toda sua fortuna, e não lhe pediu em troca senão que casasse sua filha com o mais valente rapaz da comarca, com seu filho. O conde não tinha hesitado, tinha preferido a fortuna ao orgulho do nome, ordenando a Elisa que accitasse, piedosa e resignada, o esposo que lhe deparava o Céu: antes da cerimonia, porém, elle havia coberto com um crepe negro os retratos de seus maiores; receava vel-os alevantar-se ante elle, para lhe exprobrarem o *avillamento* de sua raça.

Uma hora depois da benção nupcial, tudo estava silencioso no castello de Coetwagem. As luzes tinham-se apagado, uma unica brilhava ainda nas janellas de Elisa. Ella estava assentada, immovel com as mãos postas sobre seus joelhos, e lagrimas abrasadoras lhe corrião lentamente pelas desbotadas faces. Thiago entrou.

Deteve-se a alguns passos della; contemplava-a com indizível mistura de amor, de respeito e de receio.

— Vós chorais?... disse elle, com voz que a commoção tornava trémula.

Elisa absorta em sua dôr, não tinha dado fé de sua presença; sua voz a fez estremecer. Ella enxugou suas lagrimas, e todas as suas feições tomáão a expressão de serena e digna resignação.

— Vós chorais! vós! tornou Thiago, quando eu teria dado minha vida para poupar-vos um pezar! Oh! sim, eu comprehendo senhora, não era este o casamento que haviéis sonhado.... não era Thiago que escolherieis, se tivésseis sido livre.

— Senhor, disse Elisa com voz fraca, eu obedeco, e jamais ouvireis uma queixa, uma arguição....

— Não, porém padecereis.... e é isso que eu não quero.... Padecer! vós, tão bella, tão boa!... mas pôde ser que vos habitueis!... Eu hei de ser-vos tão dedicado, tão submisso!.. Desviais os olhos? oh! meu Deus, que idéa! se esta desgraçada união tivesse destruido uma felicidade que aguardaveis.... se.... vós já amaveis...

— Senhor....

— Ah! é verdade.... perdão, não teuo direito de perguntar-vos isso.... e no entanto, com uma palavra poderieis restituir-me a coragem e a esperanza.... por quanto ha immenso tempo que eu vos admiro.... que... vos amo. Sim, senhora, que esta palavra vos não offenda; hoje atrevo-me a tudo dizer-vos, amanha talvez já o não poderei.... Sim, desde muito tempo eu vos amo; via-vos, em meus sonhos, velar sobre mim, como o meu anjo da guarda, quando vos encontrava, houvera querido poder ajoelhar-me ante vós, seguia-vos muito tempo com os olhos; muito tempo depois que haviéis desaparecido, eu ainda vos via, e cem vezes amaldiçoiei a classe em que nasci, a limitada educação que recibi, e que, aproximando-me talvez de vós pela alma, não servia senão para me fazer melhor comprehender a distancia que havia de vós a

minim!... Algumas vezes, não é assim? ao sahirdes do castello achaveis-me assentado debaixo do castanheiro d'onde se podem avistar vossas janellas; eu estava lá, eu chorava... e vós, vós passaveis serena e bella, muitas vezes sem me vêrdes. A's vezes tambem, deixaveis cahir um olhar sobre Thiago, dirigieis-lhe uma palavra cheia de doçura e de bondade, que lhe dava felicidade por muito tempo: quão feliz era eu então! que bellos castellos edificava no ar! Sonhei muitas vezes que morreria por vós; porém nunca ousei imaginar que serieis.... minha mulher!

Elisa estava commovida; nunca tinha ella ouvido esta linguagem tão simples, tão verdadeira, e, apesar de seu orgulho, apesar dos velhos preconceitos que a haviam embalado, deixou-se captivar por essa eloquencia do coração, sempre tão poderosa: ella escutava, e sua alma se abria a sentimentos novos para ella.

— Eu era bem tólo então, proseguir Thiago tristemente. Vós não podieis amar-me, é muito simpões: eu bem sabia que era afamado no Cant o como o mais esforçado e o mais valeroso; bem sabia que, quando dançavamos debaixo dos olmeiros do nosso castello, não havia rapariga que se não sentisse orgulhosa de dançar conmigo.... porém vós! oh! isto é muito differente.... eu vos amo; mas não devo dizer-vol-o: eu saberia bem defender a mulher que pedisse a minha protecção; sómente não saberia servir-me das espadas de copos de ouro dos vossos grandes fidalgos: dellas não precisei quando quizerão assaltar o castello—meu punho era mais seguro e mais prompto. Ainda nessa occasião eu fui bem feliz; arriscava minha cabeça, porém salvei-vos.

Leve movimento escapou a Elisa, e Thiago tornou vivamente.

— Perdão, perdão, senhora, estou vos entendendo de cousa que pouco vos interessa. Vós não levarieis em conta o meu amor tão verdadeiro, tão profundo, mas que não saberia adoptar as fórmulas que se empregão nas grandes sociedades.... não necessitais do meu braço, por que ninguem se atreverá a atacar-vos... e demais, não seria a mim que haviéis de pedir auxilio e protecção.... Não poderieis ser feliz comigo, não é assim?... Pois bem!... nada de feito... Thiago não quizera causar-vos uma lagrima, um pezar,... partirei.

— Que dizeis?

— Bem vedes, senhora, para nos guiarmos na vida, nós, os homens do povo, temos o nosso coração e nossa consciencia; isto nos basta. A minha felicidade é pouca cousa; a nossa; eis tudo quanto quero..., a França tem necessidade de cada um de seus filhos; vou servir-a.... ella não me ha de perguntar se sou nobre, para me amar: sou um de seus filhos. Vós, senhora pensai algumas vezes em mim, pensai no sacrificio que vos faço.... e lastimal-me.... Se ouvirdes fallar de alguma bella acção que eu tiver feito, dizei então convosco, que foi a vossa lembrança que me engradeceu, que me deu coragem, e que, depois do meu paiz, seria por vós que eu quizera dar a minha vida.

— Senhor, respondeu Elisa, cada vez mais perturbada e cujo rubor patenteava talvez mais que resignação, este sacrificio que me quereis fazer.... eu não o exigia.... estes bens, que me haveis restituído, vos pertencem.... e o direlto que vos dá nossa união.

— Meus direitos!... não os tenho, a menos que não sejais vós.... vós sómente que me ordeneis que delles me sirva...

Elisa, trémula, abaixou os olhos e guardou silencio; Thiago não a comprehendeu, e continuou tristemente:

— Se algum dia tiverdes precisão de mim, bastar-vos-ha proferir uma palavra e eu me acharei junto de vós.... E depois queria ainda dizer-vos, que se acontecer que eu seja morto na guerra, isso é possível, o nosso contracto de casamento vos assegura toda a minha fortuna.

— Oh! Senhor!

— Sim... sim... tendes a alma nobre, não quereis contar com a minha morte.... Obrigado, obrigado, pois que tudo o que eu queria pedir-vos era que não praguejasseis a memoria de meu nome.

Thiago pronunciou estas ultimas palavras com voz suffocada, e retirou-se precipitadamente. Elisa, vendo-o partir, pôz a mão sobre seu coração; ella ainda estava chorando, não mais a sua liberdade perdida, porém o amor de Thiago.

II.

Oito annos depois, o velho conde de Coetwagem tinha morrido; a campá se tinha tambem fechado sobre os restos mortaes do pai de Thiago, e a bella Elisa de Coetwagem habitava sózinha seu velho e triste castello da Bretanha. Tudo, n'essa silenciosa morada, respirava profunda tristeza; as arvores seculares do pátio se elevavão sombrias e mudas, como para festificar-se: antigo esplendor agora extincto e olvidado. Parecia que a vida se tinha ausentado d'esse vasto recinto, e que elle não devia mais abrigar felicidade alguma.

Elisa já não é mais a tímida donzella que vimos tremer em presença de Thiago; era a dama nobre, grave e austera, menos encantadora, porém mais bella: a pallidez quadrava bem com suas feições regulares; unicamente seu olhar trazia o cunho de profunda melancolia, e seus labios deixavão raras vezes escapar um sorriso. Seu coração se tinha adormentado em longa indifferença. Desde muito tempo a lembrança de Thiago, mui fracamente gravada, se tinha apagado. Ella não havia admittido á sua intimidade senão alguns visinhos, cujos austeros costumes e idade repellião qualquer maligna supposição; tinha recusado apparecer na nova corte. Na falta de amor occupava-se da politica.

Um dia estava ella sentada á sua secretária; um homem de uns cincoenta annos estava a alguns passos della: sua estatura era elevada; seus olhos vivos e penetrantes, seu fallar laconico e incisivo: era o senhor de Massol, um desses homens ousados, affeitos, grandes agitadores, que sobrevivem a todas as revoluções, que a onda os embala e não os póde tragar

Elisa tinha uma penna entre seus dedos, de repente largou-a.

— Não, disse ella, não hei de fazer isso, senhor de Massol.

— Porque, tornou elle, com um tom insinuante e lisongeiro que lhe era familiar; que ciancice! Thiago está a uma legoa de vós, dentro de duas horas pôde estar aqui. Querendo vós, elle é nosso. Lembrai-vos pois senhora, que Thiago soube, tanto por seu valor, como por seu bello character, grangear numerosos amigos. Tomei informação; elle é igualmente amado por seus camaradas e por seus superiores. É grande sua influencia sobre o espirito do soldado: virão-no sempre tão ardente, tão valeroso; o favor de Bonaparte o eleva ainda: e demais, elle sahio de suas fileiras.... Assim, senhora, aliciái-o, e ametade do exercito servirá nossos projectos. Não ha que vacilar.

— Mas, senhor, se alle fosse acreditar que eu o amo.... que....

— E ainda assim, que importa? não é elle vosso marido? Não podeis vós fazer esse sacrificio á nossa causa? Disse tes-me que elle vos amava; pois bem, senhora, um homem amoroso está meo vencido, vós sereis omnipotente.

— Sim.... elle me amava, tornou Elisa um tanto pensativa: era um bello e leal mancebo. Em verdade custou-me muitas vezes a conceber como a gente baixa podia ter essa delicadeza da sentimentos.

— Vamos, disse o senhor de Massol com tom leviano e escarnecedor, a nossa causa está ganha. Agora não hade ser uma comedia que representareis, e ides adorar vosso marido.

— Oh! senhor...

Havia, nesta exclamação, todo o espanto que pôde causar uma supposição inaudita, todo o orgulho que revolta com o unico pensamento de que uma mulher nobre podesse aceitar o amor de Thiago.

— Em que consistiria o mal? tornou o Sr. de Massol; vamos, não fallemos mais nisso, o assumpto vos desagrada; porém ao menos cedei a nossos rogos. Vós, tão ardente em prol da nossa bella causa, não recusareis servil-a quando tendes posses para o fazer: escrevei-lhe.

— Mas se seu character é tão nobre quanto se diz, pensais vós que elle queira nunca abandonar Bonaparte, que, primeiro consul, imperador, sempre se lembrou d'elle? que o elevou, que lhe deu seus habitos, seus postos!... Thiago não o hade trahir.

— Oh! meu Deus, senhora, são precisamente aquelles que tudo devem a Bonaparte, que o haode ferir no coração: está na ordem. Qual é o homem, além disto, que não seja guiado pelo interessé pessoal? Fazei entrever a Thiago que, de uma maneira ou de outra, o imperador hade cahir; mostrai-lhe o povo, cansado de combater, cansado de fornecer homens e dinheiro, murmurando surdamente: promettei-lhe todas as honras, todos os beneficios do resultado, se elle adiantar a ruina prevista. Se não ajudar nada ha de obter. Essa gente, bem vedes, compra-se com um titulo, lança-se um pouco de incenso á sua louca vaidade, com tanto que se lhe prove depois

que—Scapin nada ganha em cobrir-se com o capote de seu amo.

— Mas em fim, se elle me recusar, ter-me-hei comprometido sem d'ahi tirar nenhum proveito.

— Não vos hade recusar. Ora considerai, vós, a condessa de Coetwagem, descendo até Thiago, prometendo-lhe vosso amor em troca de sua dedicacão! O de-graçado ficará deslumbrado, cahirá fóra de si a vossos pés.... Escrevei, escrevei, senhora, eu respondo pelo successo. Sacrificai-vos: o amor de um vilão pôde ainda ser bom para alguma cousa.

Elisa escreveu.

(Continua.)



MAXIMAS E PENSAMENTOS.

DE UMA ILLUSTRE CAPACIDADE BRASILEIRA.

É para mim de grande satisfacão, dizia um grande fidalgo inglez, que minhas filhas sejam bem educadas, e que se lhes ensine a fazer depender só de si proprias, a sua futura felicidade neste mundo; porque se tiverem bom coração, terão bastante sabedoria para distinguir o bem do mal. Seguindo com resolução o que lhes dictar o seu coração, não poderão talvez escapar aos azeidentes e desgraças do mundo, mas nunca serão infelizes, por que terão sempre recurso para a consolação de um espirito virtuoso. Atemporiso-me quando vejo consistir o principal estudo nos adornos exteriores, no entretanto que por dentro não ha senão entulho. O que se chama *doles da moda*, é quasi sempre o que ensinão pobres mestras para apparecer por fóra, a despeito da disposiçãõ natural para a virtude e a nobreza.

O fumo da nossa propria chaminé, dizia o celebre Erasmo, brilha mais do que o fogo da chaminé de um estranho.

O nascimento é alguma cousa, mas a educaçãõ é mais. Esta maxima tem um alcance extraordinario, porque dando a devida importancia a um nascimento nobre, mostra por outra parte que os titulos e distincções que derivamos dos nossos antepassados, deixão de ter valor se degeneramos das suas virtudes.

A afflicção ensinará o malvado a rezar algumas vezes; a p. osperidade nunca.

Ha muitos corações feridos sem terem o espirito constricto. O gelo feito em mil pedações sempre fica gelo. Mas se for exposto aos raios do sol da *Rectidãõ*, então derrete-se.

O ALBUM DE J. P.

A' Ella.

A' instancias da amizade, cedeste, ou antes, quebraste o sigillo que impuzeste ao teu livro, verdadeiro typo de uma alma piedosa, sã e pura, qual a de toda a mulher que, comprehendendo o seu importante papel a representar neste theatro vivo e ruidoso cognominado — mundo —, entrega-se á cultura do seu espirito, e imita os grandes mestres para collocar-se ao nivel da sciencia. Não foi sem grande pena que ergueste o véu aos teus pensamentos ali acobertados: temias a censura, receiavas a critica, desejavas fugir á qualquer discussão que elles occasionassem, e por ultimo figuraste-te desmentida, ou pelo menos suspeita de firmares com o teu nome o que pertencia á outrem.

Tinhas razão; a epocha em que vivemos nega a sua sancção ao desenvolvimento da intelligencia; e por que o plagiato é a fonte limpa onde grande numero de escriptores sacia a sua devoradora sede de *confeccionar volumes*, os teus recursos naturaes podião passar bellamente por uma copia do que *alguem já havia copiado!* Entretanto, esqueceste por um momento os censores e criticos, e arrostaste a discussão, o desmentido e a suspeita; victima da amizade, te sacrificaste ás suas exigencias, e infelizmente é hoje presa do arrependimento, e te vês obrigada a cerrar os ouvidos á novas supplicas!

Disseste-me ainda hontem que devéras ser tão egoista que a ninguém confessasses a TUAS VOZES INTIMAS; e resolvida a fazer calar a mordacidade de juizes incompetentes e desleaes, acrescentaste que o teu VELHO ALBUM ia dormir o somno dos justos para não mais despertar.

Não te respondi immediatamente por que achei justo o teu resentimento, comquanto desde logo o julgasse menos profundo do que querias mostrar-o. O choque atrevido de uma offensa calculada e prevista angustia, mas não desespera; e como tu, por tí mesma, á força de sacrificios inauditos, e com uma dedicacão para o estudo, inimitavel na tua idade, tens-te tornado sobranceira á esses ataques pequeninos, manejados ás occultas e sem outra responsabilidade além da do indiscreto, contei sem hesitar com a absolvição dos *culpados*, e por esta occasião tive eu razão.....

Agora vou combater a tua idéa de fazeres dormir eternamente o CARUNCHOSO LIVRO que guarda consigo tantas verdades, tantas bellezas que precisão viver e desenrolar as azas aos raios do nosso sol brasileiro, ardente e incendiado como a lava de um volcão.

Ha engano, senão erro, no modo de encarares a questão de que nos occupámos.

Tu mesma já disseste que « não se apedrejão as arvores, cujos fructos são amargos ou nocivos »; e por que, á sombra das tuas producções, fazem-te a injuria de dar á outrem a sua paternidade, succumbes, e te convidas á im-

penetravel silencio? !... Procedendo assim, apenas conseguirás a confirmação de um boato, que póde tornar-se ephemero com um impulso da tua penna illustrada e cheia de harmonia: no estado de mutismo, a que te propões levar, as aggressões tomarão maiores fórmas, e quanto mais prolongado for o tempo que empregares no acto de arrancar a mascara á adversarios pouco generosos, tanto mais difficil será a defeza de tuas idéas e a prova da sua originalidade.

Não te faço a affronta de acreditar no teu egoismo: sei que escreves para ti só, sei que não tens em vista a reforma do mundo; porém estou bem convencido de que o pouco que dizes possuir é liberalmente repartido por todos aquelles que benignos te acolhem. Ora, se o *Jornal das Senhoras* alistou-te nas fileiras das suas collaboradoras, se até hoje não se tem dado uma reclamación pela imprensa contra os teus escriptos, por que privaras as nossas patricias do prazer de ouvirem as tuas vozes offensivas, e que encerrão o acerto e rectidão de um juizo profundo e proprio do ancão? por que passarás a esponja da má vontade pelo teu nome já conhecido e obrigada no seio da intelligencia?

Se as nossas relações fossem menos intimas, se eu te conhecesse de hontem, e não podesse apreciar até que ponto és docil e modesta, ou me calaria, ou lançaria mão de outras armas para aggreir a tua injusticia contra a nossa litteratura resumida e cerceada pelos esforços anti-progresivos do capricho, do deleixo e da estupidéz; porém, graças a tua franqueza, posso avaliar com a precisão mathematica o alcance de minhas palavras; sei com antecedencia que as ouvirás benignas e sem prevençãõ de offensa; tenho firme convicção do quanto és arrazoada, e por isso despida da fatuidade que no teu sexo, *parecendo uma virtude*, não passa de um ridiculo.

Assim pois, releve o murmurio levantado em desabono das iniciaes J. P. os que dizem que os conhecimentos de uma senhora ficão muito aquem dos que se lêem nos teus artigos, não te conhecem; fallão por amor de fallar; servem-se deste thema para suas argumentações, como se servirão de outro qualquer ainda mais repugnante e absurdo.

Continua na carreira encetada; a tua estréa foi linda e applaudida; e por que alguem morde nas trevas a conquista que fizeste á luz do dia, não te curves submissa ante a sua opinião tresloucada, nem te retires emmudecida pela colera — sómente propria de desmarcada soberba.

O *Jornal das Senhoras* franqueia-te as suas paginas; tens por tí as suas illustres assignantes; e quando o espirito de contradicção fizer ouvir os seus motejos pela imprensa, fica certa de que a tua penna será defendida por mais de um admirador do teu album, *POBRE de adornos materiaes, porém RICO de espirito e de todos os ornatos que se podem outorgar ás bellezas moraes nelle contidas.*

10 de Dezembro de 1852.

C. do R.